

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

José da Conceição Lopes

registada em 2008-09-17
por

Susana Pires e Jenny Campos

José da Conceição Lopes

José da Conceição Lopes nasceu no Piódão, a 21 de Junho de 1962. O pai é António Lopes Fontinha e a mãe Maria da Conceição. Tiveram sete filhos. O pai trabalhou na construção civil e a mãe foi sempre doméstica, trabalhou em casa e no campo. Actualmente dividem-se entre o campo e o comércio. Aos 7 anos entrou para a primária, no Piódão. Fez a quarta classe nessa escola e através da telescola acabou por fazer o quinto e o sexto ano. Aos 13 anos quando acabou a escola foi para Lisboa, durante dois ou três meses. Mas acabou por regressar. Nesses meses trabalhou numa casa de pasto, onde serviam refeições, foi moço de recados. De volta ao Piódão, ajudava a cavar terrenos, “tinha que ser tudo cavado à mão”. Mais tarde, quando tinha 18 anos, regressou a Lisboa e por lá esteve oito anos. Voltou para o Piódão porque, na altura, o pai decidiu abrir um restaurante, que funcionava como mercearia-taberna. Foi em Vide que viu pela primeira vez a esposa. Passado um ano e tal ou dois, na festa da Nossa Senhora da Ajuda, na Malhada, reencontrou-a e daí surgiu o namoro. O casamento foi no dia 24 de Outubro de 1992. Têm dois filhos.

Índice

Identificação José da Conceição Lopes.....	4
Ascendência António Lopes Fontinha e Maria da Conceição.....	4
Casa "De xisto por fora e por dentro".....	5
Infância Brinquedos com imaginação.....	6
Educação Sacrifícios pela educação.....	7
Religião Pretexto para o convívio.....	10
Costumes A luz, a água, as festas e o médico.....	11
Percurso profissional Entre Lisboa e o Piódão.....	15
Namoro "A imagem daquela miúda".....	19
Casamento Casamento adiado mas não cancelado.....	22
Descendência "Tentámos dar sempre o melhor".....	24
Lugar Características de uma aldeia do interior.....	24
Avaliação "Projecto válido".....	27

Identificação *José da Conceição Lopes*



José Conceição Lopes

O meu nome é José da Conceição Lopes. Nasci no Piódão, a 21 de Junho de 1962.

Ascendência *António Lopes Fontinha e Maria da Conceição*

O pai é António Lopes Fontinha e a mãe, Maria da Conceição. São os dois naturais do Piódão. Tiveram sete filhos. Começando pelos mais velhos é a Maria da Conceição Fontinha Ribeiro, depois sou eu, a seguir tenho uma irmã que é a Fernanda da Conceição Fontinha, depois é o António da Conceição Lopes, a seguir era o Carlos da Conceição Fontinha, que já faleceu. Depois é a Deolinda

da Conceição Fontinha e o Jorge da Conceição Fontinha. Neste momento somos seis irmãos.

Desde que me começa a lembrar daquilo que eu vi que os meus pais faziam, era o meu pai a trabalhar na construção civil e a minha mãe como doméstica em casa e nos trabalhos do campo. Mais tarde, o meu pai adquiriu o edifício onde hoje existe o Restaurante Fontinha. Inicialmente, era uma mercearia-taberna. Os meus pais, a partir daí, foram fazendo um pouco de tudo, no campo e ao mesmo tempo o comércio.

Quando o meu pai adquiriu a mercearia-taberna, penso que em 1973, o número de residentes no Piódão andaria pelas 250 pessoas, no mínimo. Enquanto que hoje não chega a 70 pessoas. E, nessa altura, havia um certo movimento. Tinha a taberna, a mercearia, até roupa e calçado se vendia. Era uma superfície que vendia um pouco de tudo. Nessa altura, principalmente aos domingos, as pessoas vinham à missa, à igreja paroquial, mesmo das outras aldeias da freguesia e aldeias vizinhas. Então as pessoas abasteciam-se para a semana com mercearias e outros artigos. Nas aldeias deles não tinham casas de comércio e era na mercearia do meu pai que eles se vinham abastecer. Hoje em dia, as pessoas já têm os carros, e vão aos supermercados da região, às vilas ou às cidades. Nesse tempo, as pessoas andavam a pé e andando a pé esta mercearia era o mais próximo, então era onde vinham aviar, fazer as compras.

Casa "De xisto por fora e por dentro"

A minha casa era uma das últimas no cimo da povoação, que hoje já não existe. Foi deitada abaixo, foi reconstruída e é um tio meu que habita nessa casa, já totalmente reconstruída. Mas era uma casa de três pisos. Tinha a loja que era onde se guardavam os produtos agrícolas, os vinhos e as aguardentes, tudo isso. Depois tinha o primeiro andar, amplo sem divisões. Quando eu era miúdo já éramos muitos irmãos. Então, naquele tempo, quando havia necessidade, esse próprio andar servia, ao mesmo tempo, para guardar alguns produtos agrícolas, como as batatas, e ainda servia de habitação também. Havia pessoas que necessitavam de ter lá uma cama e dormir lá. Depois tinha o último piso com uma cozinha, uma sala e dois quartos pequeninos. Eram quartos que, praticamente, só cabia uma cama. Não havia possibilidade de meter outro tipo de mobiliário. Era uma casa pequena. Era à imagem daquilo que são as casas do Piódão. Nós vemos a maioria delas são casas pequenas, com necessidade de fazerem várias divisões porque, normalmente, as famílias eram numerosas. Os casais tinham muitos filhos e as casas sendo pequenas tinham de se dividir. Muitas vezes, os filhos mais pequenos, eu lembro-me, dormiam no quarto e até na cama dos

pais. Mesmo com 3, 4 anos. Não havia divisões na casa que chegassem, quando eram famílias com seis, sete, oito filhos, o que acontecia muito. Se fossem três raparigas dormiam as três raparigas numa única cama. E, às vezes, os rapazes acontecia o mesmo. E eram camas pequenas. Eu lembro-me que era miúdo e isso acontecia.

A casa era feita em xisto por fora e por dentro. Eram as construções que se faziam naquele tempo. Todas as casas eram feitas em pedra por fora e por dentro. A partir da década de 60, penso eu, é que começou a chegar a estrada mais próximo, e já conseguiam ir buscar a telha e o tijolo. Então faziam em pedra por fora para manter a traça e faziam com tijolo por dentro, principalmente, quando começou a haver água canalizada, na década de 70. E começou a chegar a electricidade e depois as pessoas para meterem os cabos de electricidade e os tubos da água cortavam o tijolo. Era mais fácil do que estar a cortar xisto. Antes disso muitas delas nem tinham protecção por dentro. Na década de 40, 50 podia existir uma ou outra por dentro, com os buracos das paredes já um bocadinho rebocadas com uma areia que eles conseguiam arranjar nuns terrenos, numas zonas específicas. Aquilo não era bem areia, era um bocado de entulho mais macio e com uma argamassa qualquer, conseguiam tapar as paredes para não entrar tanto frio. As quatro portas, a da loja, do armazém agrícola, do andar intermédio e do último andar eram em madeira de castanho, mas madeira ao natural. Nunca levaram pintura nenhuma.

Infância Brinquedos com imaginação

Quando era miúdo, havia algumas brincadeiras, à noite, durante um bocadinho. Os que moravam no cimo da povoação tinham um grupo à volta da capela de São Pedro que fica no meio da povoação para cima. Juntávamos um grupo daqueles que residiam ali. Da família Adrião, da família Fontinha, da família Silva, havia ali algumas famílias com várias crianças cada família, e esse grupinho juntava-se e brincávamos. Aquelas brincadeiras da apanha, um tentava apanhar os outros. Outro era às escondidas, cada um escondia-se numa ruela, outro noutra, e o outro tinha de andar à procura dele e se o descobrisse vinha lá bater num certo sítio específico em que ele perdia. Se o outro viesse e conseguisse contornar, sem dar por ele ia lá aquele sítio bater, ele é que ganhava e o outro é que perdia. Aquelas brincadeiras de miúdos. Jogar ao berlinde, faziam-se umas covinhas no chão e jogávamos com aquilo. Havia aí várias brincadeiras que fazíamos na escola também, nos intervalos, e também à noite e aos domingos quando havia disponibilidade para isso.



José Conceição Lopes, aos 18 anos, antes de jogo de futebol realizado no Piódão

Brinquedos tínhamos alguns, quando havia familiares, que estavam em Lisboa, e que vinham de vez em quando à terra e traziam. Mas muitos dos brinquedos, eu lembro-me, eram construídos por mim. Imaginava, ouvia. Às vezes, até via outros feitos em fábricas, já em plástico, e eu copiava aqueles mas feitos em cortiça, em madeira ou em casca do pinheiro, chamam a "corcôdea"¹. Imaginávamos uma carrinha de caixa aberta com cabine, com a carroçaria, com rodas, com aquelas coisinhas todas e nós fazíamos. E, muitas vezes, esses trabalhos que nós fazíamos utilizávamos também para a escola, em trabalhos manuais. Que era umas das coisas que eu até gostava de fazer, naquele tempo.

Educação *Sacrifícios pela educação*

Roupa enxuta no corpo

Tinha 7 anos quando entrei para a primária, no Piódão. Andava lá uma irmã, que era mais velha que eu, então encarei de uma maneira normal. Tínhamos

¹casca

a escola quase a um quilómetro da aldeia. Era um bocado difícil no Inverno. Quando estava a chover, chegávamos todos encharcados à escola. Tínhamos de passar as horas todas a estudar com a roupa encharcada no corpo, muitas vezes, a fumar, a enxugar. E quando saíamos da escola à tarde, às quatro ou cinco da tarde, não sei bem qual era o horário, saíamos já com a roupa enxuta no corpo e acabávamos por apanhar outra molha no caminho a vir para casa. No Inverno, era complicado porque a zona onde era a escola é muito ventosa. E quando estava a chover, nem chapéus-de-chuva resistiam. Portanto, nós tínhamos de apanhar com a chuva.

Emissões em directo da tele-escola

Quando fiz a quarta classe, coincidiu com a criação da antiga tele-escola. Fazia-se o quinto e sexto ano. Lembro-me que foi na altura em que chegou a energia eléctrica. Depois traziam umas televisões, aquilo eram emissões feitas em directo de Vila Nova de Gaia. Era lá que funcionava, digámos, a central da tele-escola. Transmitiam as imagens em directo. E nós tínhamos uma televisão em que víamos essas imagens com alguns dos ensinamentos. Estava ali a professora e havia aquelas horas em que se fazia o programa em directo, com explicações. Depois a professora estava para complementar. E acabei por fazer o quinto e o sexto ano assim.

Para a memória óleo de fígado de bacalhau

O ano em que entrei para a primária foi o mesmo da inauguração da cantina. Tínhamos uma cantina em que as pessoas da aldeia, voluntariamente, davam alguns artigos para confeccionarem lá. E chegavam ao Piódão alguns alimentos da parte de instituições. Lembro-me que havia um óleo de fígado de bacalhau, que eles diziam que fazia muito bem às crianças, e que nós não gostávamos nada daquilo, mas que quase que nos obrigavam a tomar porque era bom para a memória, para isto e para aquilo. E todos os dias tínhamos de tomar uma colherzinha daquilo. É como se fosse um xarope. Havia miúdos que para conseguirem engolir o xarope faziam um sacrifício danado. E, todas as semanas, era escalonado um dos alunos:

- "Olha hoje és tu que trazes um molho de couves para fazer a sopa".

No outro dia era outro, no outro dia era outro. E as pessoas como tinham muitas hortas, muitas coisas, uns voluntariamente, outros que traziam filhos na escola, conseguiam alguns alimentos para se confeccionar e era lá que nós comíamos a refeição. Pelo menos uma sopa quente, mais qualquer coisa,

arranjava-se sempre. De manhã, tomávamos o pequeno-almoço em casa. O que mais se utilizava na altura era broa com queijo ou uma caneca com leite das cabras. À noite, em casa, ao jantar era a mãe que fazia. Mas o almoço, era na escola.



José Conceição Lopes, com 25 anos de idade, em férias passadas no Piódão

Cara escura do petróleo

No fim da escola, à tarde, havia necessidade de ajudar os pais a guardar as cabras, que eles tinham rebanho. Tínhamos algumas tarefas que os pais nos incumbiam de fazer, mas não tarefas muito pesadas. E nós, principalmente, no Verão ou na Primavera, quando os dias já eram maiores, saíamos às quatro. Ainda íamos duas, três horas ajudar a guardar as cabras que os pais andavam a amanhar a fazenda, nos trabalhos mais duros. E nós como ainda éramos crianças, muitas vezes, se tínhamos possibilidade, e se o tempo permitisse, as cabras andavam a pastar, sentávamo-nos, e com a mochila ali ao pé ainda íamos

aproveitando para fazer alguns trabalhos da escola. Também ia apanhar umas pinhas debaixo dos pinheiros para fazer de acendalha, para acender a lareira. Muitas vezes, quando era dia de folga, que não havia escola, ou nas férias, íamos com os pais cortar mato para a cama dos animais e para eles comerem. Enquanto o pai e a mãe traziam um molho grande, nós trazíamos um pequenino. Pegava num cordão, atava:

- "Bem vocês trazem isto para se irem habituando".

Era assim. Já fazíamos alguns trabalhos no campo. Por isso, normalmente, os trabalhos de casa que se traziam da escola era à noite que se fazia. Na sala, em cima da mesa, sentado numa cadeira ou num banco, à luz do candeeiro a petróleo. Ali o candeeiro a queimar o petróleo, e depois nós ficávamos com a cara toda escura. O petróleo deita muito fumo negro e até, muitas vezes, a respiração da casa não era a melhor, porque no Inverno tinha de se ter a porta fechada para não entrar o frio. Aquilo era complicado.

Religião *Pretexto para o convívio*

Para dar a catequese eram escalonadas umas raparigas já mais velhas, ou uma senhora já com mais idade. Nós entrávamos para a catequese e íamos fazendo aquele percurso normal dos miúdos. Fazia-se a Primeira Comunhão, a Comunhão Solene, mais tarde o Crisma. Tivemos esse percurso normal que se tem na educação cristã. Isso era quase como uma obrigação. Tinha de se ir à catequese. Podia haver um ou outro que até nem gostasse muito mas, normalmente, gostavam. Aquilo acabava por ser quase um pretexto para, ao mesmo tempo que estávamos a fazer uma aprendizagem na educação cristã, estarmos em convívio. Juntar as crianças todas ali. E de vez em quando, tínhamos visitas de estudo. Ainda chegámos a fazer, acho que foi à zona da Lousã, Miranda do Corvo e à Casa do Gaiato. Assim umas visitas organizadas pela paróquia e as crianças gostavam. E aprendiam. Já era uma tradição, já vinha dos pais. O Piódão sempre foi muito ligado à religião cristã. Por isso encarámos aquilo de uma maneira normal.

Costumes A luz, a água, as festas e o médico

Habitadas ao escuro

Antigamente não havia iluminação nas ruas. Era completamente às escuras mas era engraçado, porque as pessoas estavam tão habituadas que andavam mesmo em ruas sinuosas com escadarias. Eu era miúdo e lembro-me que nós guiávamo-nos pelos telhados das casas e pela configuração que tinha por cima. Já sabíamos o terreno que estávamos a pisar, mesmo às escuras. Completamente às escuras, não víamos nada e sabíamos que esta escadaria tinha cinco degraus, que tinha uma zona plana e que tinha um bocado de rampa e de calçada. E conseguíamos equilibrarmo-nos e passar isso. Por acaso era engraçado, porque isso acontecia muitas vezes. Eu, como morava no alto da aldeia, tinha de vir abaixo, ao fundo, à mercearia. Naquele tempo, ainda não era do meu pai. E muitas vezes, ia à noite, às escuras. Eu conseguia subir e descer sem grandes problemas porque estava habituado. Uma pessoa que fosse estranha a isto era completamente impossível.

Aos banhos

Para ir buscar água era nos chafarizes públicos. Tínhamos um no fundo da aldeia, que ainda existe. Tinha uma nascente na ribeira, junto ao largo. Tinha outro a meio da povoação, junto à capela de São Pedro. Tinha outro fontanário público a caminho do Outeiro, que fica a caminho do cemitério. E tinha um nascente de água, junto à mina, que se chama o Cimo do Chão, mesmo no alto da povoação. Portanto, as pessoas que moravam no alto da povoação iam a essa nascente ou à fonte da capela de São Pedro. Tem a Fonte dos Algarves também. Está sempre a correr a nascente. Cada um abastecia-se com o que estivesse mais próximo. Era com os cântaros de barro e de plástico mais tarde. Era assim para fazer a comida e para se lavarem. Aquecia-se a água, numa grande panela e era assim que se conseguia tomar os banhos, numa grande bacia, tipo banheira de plástico. Não havia outra hipótese. Quando era miúdo, lembro-me de a minha mãe dar-me banho dentro de um grande alguidar. Amornava-se a água no Inverno, no Verão até era com água natural, conforme estava mesmo fresca. Era assim que se desenrascava a situação. Cada um mudava a sua água. Tomava um banho, depois o outro ia com o cântaro à fonte e tomava esse.

Dava-se prioridade aos mais pequeninos, para dormirem mais cedo. Mas não tomávamos banho todos os dias, confesso. Se a gente andava a ajudar os pais num trabalho que era mais sujo, do campo, que ficássemos cheios de poeira, tomávamos. Mas se fosse um trabalho, que nós fôssemos para a escola e depois viéssemos aqui fazer um trabalho que não fosse tão sujo, podia nesse dia a criança vir mais cansada e deitava-se em cima da cama e acabava por se esquecer do banho. E a mãe também, muitas vezes, vinha cansada do trabalho e não havia muita disposição para dar banho às crianças. Mas quando éramos maiores, já nós próprios tomávamos banho. Já não era preciso a mãe estar com tanto cuidado. E, naquele tempo, as crianças tinham de começar a ter uma autonomia mais cedo. Não havia tanto tempo para apaparricar as crianças e dar-lhes banho com tantos cuidados. As crianças tinham-se de desenrascar quase por si próprias, a partir de uma certa idade, e de tenra idade. Quando era no Verão, o banho era na ribeira. Era lá que íamos mergulhar, e tomávamos banho.

Curiosidade de miúdo

Mesmo antes de existir a energia eléctrica directa, já havia uma pessoa que eu me lembre, que era o dono da mercearia, que depois o meu pai adquiriu, que tinha umas baterias. Ele tinha uma camioneta de caixa aberta e trazia-as. Ele tinha uma pequena televisão, em cima de uma prateleira, e ligava as baterias. Mas tinha de ser com uma antena no cimo da povoação, porque a recepção era má. Não tínhamos retransmissor na zona e a imagem que chegava, chegava um bocado distorcida. Para nós era uma novidade. Os miúdos à noite vinham sempre dar uma espreitadela, ver a televisão que estava na mercearia, porque não havia em mais lado nenhum. Portanto, aquilo para nós era uma coisa fora do normal. Estávamos habituados a ouvir o rádio, que os pais tinham em casa. Ouvia-se as notícias, ouvia-se o futebol. Éramos pequeninos e já gostávamos de ouvir o futebol, mas não havia imagem. Não se conseguia ver. E quando começou a aparecer essa televisão aquilo era... Os miúdos, principalmente, ficavam curiosos. Ouvíamos as pessoas a falar na rádio, e depois aparecia a imagem delas na televisão. Muitas vezes associavam a voz a um tipo de pessoa mas depois quando víamos na televisão nem parecia ser a mesma. Aquilo foi engraçado enquanto miúdos. Era bastante interessante. O programa de televisão que me lembro é o Tele-Futebol. Mas isso já foi na altura da televisão com energia directa. Eu em casa não tinha. O meu pai não tinha possibilidades. Mas havia um senhor que tinha vindo de Lisboa há pouco tempo, estava reformado, e lembra-me que ele tinha lá televisão. E nós éramos miúdos e já gostávamos de ouvir um relato de futebol. E quando dava o Tele-Futebol à noite, para dar um

resumo de alguns jogos mais importantes, eu lembro-me que juntávamos aí três ou quatro miúdos com 10, 11, 12 anos e íamos para lá ver. Principalmente, os programas desportivos gostávamos de ver enquanto miúdos.

Bacalhau, o prato da noite

O Natal era passado em família. As pessoas reuniam-se. Muitas vezes, havia familiares que estavam fora e vinham à aldeia. E também já havia um ou outro que ia passar com os familiares em Lisboa. Nessa altura, já havia muitas pessoas em Lisboa. Mas era uma noite especial. Naquele tempo, havia a missa do galo, à meia-noite, na igreja. Havia cá padre permanente. Agora há um que vem aos domingos, ou vem quando é necessário. Mora na Moura da Serra, embora seja natural do Piódão. Mas, naquele tempo, tinha um padre permanente. Portanto, todas essas cerimónias inerentes ao Natal ou depois ao primeiro dia do ano, o Ano Novo, a Páscoa, todas essas cerimónias que se faziam ele cumpria rigorosamente. Era adultos, era crianças, era tudo junto, dava-se tudo. Portanto, havia uma grande empatia nessas questões da religião. As pessoas praticavam muito e, portanto, nessa noite, iam à missa do galo.

Os presentes eram poucos. As pessoas não estavam habituadas a dar nem a receber. Portanto, vivia-se mais aquele espírito de Natal, de convívio. Não havia muito essa tradição de estar a distribuir prendas, porque também não havia possibilidades económicas. Eram famílias pobres. E, naquele tempo, assim como hoje, aqueles mais velhos, o dia de aniversário, consideram aquilo como mais um dia que passa, mais um ano que fizeram, não atribuem muito valor. E, nesse tempo, no Natal e na Páscoa, éramos miúdos e a única coisa que, às vezes, nos davam era um brinquedo. Os padrinhos davam-nos um brinquedo. E de foliar, às vezes, davam-nos um pão. Nós estávamos habituados à broa de milho. Por isso quando vinha um pão daqueles fabricados em padaria, embora tendo menor qualidade, mas como era uma novidade, nós valorizávamos muito. Era macio, era tenrinho e a broa era mais dura, mais rijá.

A tradição do Natal era o bacalhau. Era o prato da noite. Tínhamos de ir buscar as melhores couves à horta. Uma boa posta de bacalhau demolhada e a noite de Natal era basicamente isso. Depois, fazia-se umas filhós ou uns coscoréis, e fazia-se o pão-de-ló. Era considerada uma noite especial por isso a ementa era um bocadinho melhorada dentro daqueles produtos regionais que se faziam aqui.

Dia de festa

O padroeiro do Piódão é São Pedro. Tem a capelinha própria a meio da aldeia. Depois tem a padroeira da freguesia, que é a nossa Senhora da Conceição, que está na igreja paroquial, na igreja matriz. A festa de São Pedro é a 29 de Junho, todos os anos. E como o Piódão é sede de freguesia, a festa da padroeira é sempre no terceiro fim-de-semana de Agosto, no terceiro domingo de Agosto. Eram as festas mais importantes que haviam no Piódão. Houve tempos que o padroeiro, São Pedro, quase que se sobrepunha à festa da padroeira da freguesia. Havia a parte da missa, vinha a Filarmónica, de uma localidade próxima, Pomares ou Avô, Vila Cova, para abrilhantar a missa e a procissão. Havia um leilão de ofertas e o convívio com as pessoas. Depois as pessoas convidavam amigos e faziam um almoço partilhado. Comia-se a chanfana, a carne de cabra assada no forno. Podia haver um grupo que viesse animar, à noite, um bailarico que se fazia. Isso era tanto no São Pedro como na padroeira. O São Pedro, normalmente, comemorava-se só naquele dia, enquanto que a festa da padroeira da freguesia apanhava o fim-de-semana todo. Em Agosto, normalmente, é quando há mais pessoas cá na terra, que vem passar as férias, e já era, às vezes, três dias de festa. Já um dia tinha um grupo musical a abrilhantar a festa, noutro dia tinha outro. À noite havia sempre uns grupos para animar a juventude, para os bailaricos, com os jovens e os menos jovens. Trabalhava-se no duro no campo mas, quando vinha a altura das festas, pelo menos, era um escape para o trabalho e para o duro que as pessoas praticavam. Então, o domingo era dedicado mais à parte religiosa, quando se fazia a procissão com os santos todos que estão na igreja, pela rua principal até ao cemitério. Tinha a missa, a procissão e, no sábado à noite, faziam a procissão das velas. Portanto cada dia tinha a sua característica. Fazia-se o programa e aquilo desenvolvia-se mediante o que estava definido mas sempre com a vertente religiosa muito marcada. E havia muita gente. Hoje em dia para pegarem, às vezes, nos andores já têm que andar a pedir até a pessoas estranhas, que vêm de fora, porque ainda são bastantes andores. Nesse tempo, quase que havia uma disputa a ver quem é que pegava nas insígnias religiosas, nos santos, tudo isso. Havia muita juventude, muita rapaziada nova e os andores não chegavam para todos. Hoje em dia, já é o contrário. Já há mais andores do que pessoas válidas para pegar. Maioritariamente, as pessoas são idosas, já não têm possibilidades fisicamente de pegarem nas coisas. Naquele tempo, havia perto de 300 pessoas aqui, porque só na escola primária éramos à volta de 56, perto de 60 alunos da primeira à quarta classe. É quase a totalidade dos habitantes hoje no Piódão. Portanto, há

uma diferença muito grande de há 35 anos para cá. A desertificação tem-se vindo a acentuar.

"Era complicado"

Quando alguém estava doente no Piódão era complicado. Quando eu era miúdo, a estrada ainda nem sequer chegava ao largo. Portanto, se alguém ficava doente, que não se pudesse deslocar, tinham de, numa maca, que tinha quatro coisinhas para se pegar, deitar a pessoa, amarrar com um cinto e tinham de o levar ao sítio mais próximo que pudesse chegar uma viatura e levar ao médico. Ainda hoje é difícil essa questão da saúde e, neste momento, até a educação, que os miúdos têm de andar 30 quilómetros para irem à escola. O médico vem de 15 em 15 dias, neste momento, e, às vezes, passa-se um mês que não aparece. Se ele estiver de férias não há outro a substituir. Ainda hoje essas questões se põem. Ainda é difícil e, nesse tempo, ainda mais difícil era.

Percurso profissional *Entre Lisboa e o Piódão*

100 escudos por mês

Eu tinha 13 anos quando acabei a escola e fui fazer uma experiência a Lisboa. Estive lá dois ou três meses. Mas eu tinha 13 anos, tinham ficado os irmãos, os amigos todos, mais ou menos daquela idade, e foi difícil a adaptação lá. Na altura, acabei por regressar. Nesses meses trabalhei numa casa de pasto, como chamavam naquele tempo. Também serviam algumas refeições. Era na Rua do Conde, junto ao Museu de Arte Antiga, nas chamadas Janelas Verdes, em Santos. O proprietário era natural do Piódão mas já tinha falecido. E era a viúva, a esposa e a filha, que estavam a gerir aquilo, na altura. E eu servia de moço de recados. Ia com a ementa que se servia diariamente lá na casa de pasto àquelas empresas na zona. Ia lá dizer:

- Olhe hoje temos esta ementa, com estes produtos, com a carne, o peixe.

E eles faziam a escolha. Mediante a escolha que eles faziam, eu vinha, novamente, à casa de pasto. Era como se a comida fosse feita por encomenda. As pessoas escolhiam e quando chegavam aquela hora, porque tinham uma hora para a refeição, tinha que aquilo estar pronto. Para comerem e irem, novamente, para o trabalho. Aquilo funcionava assim e eu é que andava nestas tarefas de ver o que é que as pessoas queriam. Ia com a patroa à Praça da Ribeira, lá em

Lisboa, junto ao Cais de Sodré, buscar os produtos que eram necessários, as hortaliças, frutas, peixes, carnes. Lembro-me que íamos de eléctrico, não tinha viatura própria. Íamos de eléctrico e nos transportes públicos é que trazíamos essas mercadorias. Eram essas tarefas de apoio que eu fazia, aquelas tarefas que se ajustavam mais à minha idade. E lá dentro na própria casa, à hora dos almoços, também ainda ia servindo, quando me pediam bebidas. Foi aí que eu também comecei a tomar um bocado de noção do que era trabalhar no comércio, a pôr a comida na mesa. Elas faziam na cozinha e chamavam-me. Nós trazíamos a comida, trazíamos as bebidas e tinha uma pessoa a fazer a gestão das coisas.

Estive lá uns dois meses e o combinado era o quarto, mesa, comida e a roupa lavada. E, ao fim de dois meses, em 1975, deram-me 300 escudos, na moeda antiga. Era cento e poucos escudos por mês. Aquilo era simbólico praticamente. Como nos tinham naquela idade, como eles diziam, governávamos. Aliviávamos a carga dos pais, íamos aprendendo alguma coisa, mas não era significativo aquilo que nos davam. E aquilo que vinha entregávamos aos pais. Não estávamos habituados a gastar o dinheiro connosco. Os pais é que, se era necessário alguma coisa é que nos compravam alimentos ou calçado, tudo isso. Naquele tempo, o que era importante era que, em famílias de sete, oito filhos, mesmo que só lhe dessem a dormida, a comida e a roupa lavada, tirar um era um alívio para os pais. E, diziam eles, que ia aprendendo, ia abrindo os olhos, como se costuma dizer, para no futuro vir a ser alguém. Era mais isso.

100 escudos ao dia

No Piódão quando tinha 14, 15, 16 anos, eu ajudava a cavar terrenos, porque nestas terras não entrava uma máquina, tinha que ser tudo cavado à mão. Os socialcos para amanhar, para semear batata, milho e assim. E nós miúdos já com 14, 15, 16 anos já andávamos aí a ajudar a cavar os terrenos, com uma enxada na mão e aquilo que eu ganhava num mês em Lisboa, os 100 escudos, às vezes, já me davam com 15, 16 anos, por dia no Piódão. E eu dizia assim:

- Então ando lá um mês para me darem...

Bem, comia e dormia. Por um lado é duro mas naquela maneira de pensar, era melhor andar nas terras. Tudo o que nós ganhávamos, que a pessoa depois à noite nos dava, os 100 escudos, isso era entregue sempre ao pai. O pai é que fazia a gestão. É que nos governava, como ele dizia. E nós, às vezes, gostávamos mais de ir trabalhar para as pessoas aí sem ser em casa, por fora, porque acabávamos por nos reunir, quatro, ou cinco, ou seis ou sete rapazes da mesma idade e aquilo servia de convívio ao mesmo tempo. E, nesse dia, até havia, às vezes, uma ementa um bocadinho melhorada. Como andávamos a trabalhar para o patrão e como

ele nos dava um trabalho um bocado mais duro tínhamos de comer melhor. Se fosse preciso, naquele dia, já havia um lombo de porco. Eles faziam aí, não havia frigoríficos nem arca, não havia electricidade, fritavam, depois punham num molho próprio, num azeite próprio e aquilo era comida só nas alturas especiais, nas festas. E quando andávamos nos trabalhos mais duros, a cavar e assim, eles faziam uma ementa melhorada. Depois faziam um arroz-doce, faziam uns coscoréis, faziam uma ementa quase considerada uma ementa festiva. E nesse tempo, até pela comida as pessoas nos aliciavam. No tempo do meu pai, da minha mãe e da minha avó, às vezes, as pessoas iam trabalhar voluntariamente só pela comida, porque em casa deles não havia grandes possibilidades. Passava-se mal, muitos dias só com uma sopinha. E indo trabalhar para essas pessoas já comiam melhor.

De volta a Lisboa

Mais tarde, quando tinha 18 anos, um primo meu, que veio ao Piódão de férias, no Verão, conseguiu aliciar-me a ir com ele trabalhar num restaurante que ele tinha em Lisboa. Nessa altura, já sabia valorizar mais as coisas. Aos 17, 18 anos já trabalhava no duro, nas obras a ajudar. Eu via que, realmente, o trabalho lá, comparado com este aqui era muito mais leve, não era tão duro. Então, com 18 anos, fui para lá e aí já foi diferente. Já me consegui adaptar melhor.

Depois comecei a conhecer algumas pessoas, e acabei por lá estar oito anos. Ficava em casa desse meu primo que me levou com ele. Portanto, ele tinha uma habitação, rés-do-chão com uma salinha, três quartos e um anexo. Acertámos um valor mensal e ele tinha-me lá em casa. Comia no restaurante e no dia da folga semanal, que era ao domingo, comia também lá em casa com ele. Também lavava a roupa.

Mais tarde, acabei por ir trabalhar para outro sítio. Então saí da casa dele e fui para uma vizinha ao lado, a quem pagava um "x" por mês do quarto. Trabalhava para outra pessoa, melhorou o ordenado. Como estava solteiro, nessa altura, era fácil arranjar quarto na casa de pessoas idosas. Os filhos até já tinham saído de casa, tinham ali uma casa espaçosa, e facilmente se alugava um quarto a um rapaz que fosse da província, que tivesse ido trabalhar para Lisboa. Primeiro fui ganhar 3 contos e 300 por mês. Entretanto, fui subindo e em 1988, quando regresssei, acho que eram 38 ou 42 mil escudos que estava a ganhar. Era considerado quase o ordenado mínimo nacional, naquele tempo. Nessa altura até já considerávamos mais ou menos bom, na indústria hoteleira, porque havia muitos rapazes da minha idade que trabalhavam noutros trabalhos e ganhavam quase o mesmo que eu e ainda tinham de pagar a comida. E eu,

como trabalhava na indústria hoteleira, num restaurante, acabava por beneficiar disso porque comia lá, almoço, jantar e pequeno-almoço. Só pagava o quarto e o passe. E ainda conseguia amealhar uns trocos. Nessa altura, ainda houve ali uns tempos que pagava as minhas despesas e ainda retornava para o meu pai, porque ainda tinha aqui irmãos mais novos em casa. Só quando entrei com 21 anos para a tropa, em Lisboa, é que o meu pai disse:

- "Então já não é preciso estares a dar."

Mas foi até praticamente aos 21 anos que eu andei a entregar-lhe sempre algum que sobrava. Depois de pagas as despesas ainda lhe entregava a ele. Eu vinha ao Piódão, principalmente, no Verão, em Agosto, uma vez ou outra na Páscoa, se havia possibilidade, no fim-de-semana ou no Natal. Raramente, a minha família, os meus pais, iam a Lisboa. Quando acabei a recruta militar, lembro-me que o meu pai foi a Lisboa com o meu avô, que já faleceu. Mas, raramente, lá iam. Portanto, nós é que estávamos lá e é que tínhamos de fazer uma visita aos familiares na aldeia. E podíamos vir, uma vez ou outra naquelas épocas especiais, no Natal e na Páscoa. Mas, normalmente, as férias era sempre no mês de Agosto, que era quando coincidia com as festas anuais.

De vez na terra

Ao fim desses oito anos, já foi o contrário. Já estava, se calhar, melhor adaptado àquele sistema de vida urbana do que propriamente à aldeia. Vinha de férias mas já não estava bem integrado. Acabei por regressar ao Piódão porque, na altura, o meu pai decidiu abrir esta casinha como restaurante. Funcionava como mercearia-taberna, fizemos umas adaptações, preparámos tudo minimamente. Como não havia mais nada, as pessoas faziam muita pressão. Gostavam de vir ao Piódão mas não tinham onde sequer comer uma sandes. E como eu trabalhava em Lisboa, estava lá há já oito anos na indústria hoteleira e já tinha uns conhecimentos básicos, o meu pai disse que tínhamos aqui esta casa, que era pequenina, era o que era, mas que para fazer uma experiência talvez desse. Para ver o que é que isto dava. Mas ele só faria esse investimento e tomaria essa atitude se realmente eu estivesse na disponibilidade de regressar. De vir para o Piódão, dar a minha colaboração e dar o meu contributo com os conhecimentos que já tinha. E eu decidi vir, na altura, estava disponível, estava solteiro, não tinha compromisso de maior. E vim, e essa experiência já foi em 1988. Há 20 anos que eu regressei.



José Conceição Lopes, com 21 anos, na tropa no Quartel-general de Lisboa (São Sebastião da Pedreira)

Namoro "*A imagem daquela miúda*"

Tudo começou quando eu estava em Lisboa fui para lá em 1981. Fui para a tropa em Setembro de 1983 e saí em Dezembro de 1984. Tirei a carta de condução mas não tive possibilidades de comprar logo um carro. Entretanto, passaram dois anos. Para aí em 1986, comprei o primeiro carrito. Um carro usado. Lembro-me que era um Honda Civic preto. Nunca tinha feito uma viagem longa e lembro-me que, naquela altura, vim passar umas férias em Agosto e trouxe o carro. Entretanto, o meu pai tinha o comércio na mesma e precisava de alguns produtos. Havia uma feira mensal em Vide, eu ia lá e como sabiam que eu tinha o comércio, as pessoas que trabalhavam no campo e que tinham produtos agrícolas, batatas ou feijão, ofereciam-me os produtos. Diziam:

- "Olhe lá, tenho aguardente, tenho feijão, tenho batatas, se precisar de comprar, tenho excedentes, que não gasto para consumo próprio."

Vendiam e se eu quisesse, ia buscar. Então quando precisava alugava uma viatura, que não tinha carro próprio e ia aí com uma camioneta e trazia. Nessa altura, como eu vim com o carro, ele pediu-me para eu ir à zona de Vide, a 12 quilómetros, buscar umas aguardentes que uma senhora lhe ofereceu. Pusemos aquilo às bilhas na bagageira do carro. E lembro-me que ela, que hoje é a minha mulher, morava lá, eu não a conhecia de lado nenhum e eu ia a passar e via-a. Estava na janela e olhei. Ficou-me sempre a imagem daquela miúda, daquela rapariga que estava ali na janela, a sorrir. Passado um ano e tal ou dois, houve uma festa que fazem, a Nossa Senhora da Ajuda, na Malhada. E eu sei que vim, novamente, de férias, e calhou nessa altura, de Setembro. A rapaziada juntou-se aqui no Piódão, mais ou menos da minha idade, 20 e tal anos e:

- "Olha para onde é que vamos agora à noite um bocado?"

- "Olha vamos dar uma volta? Vamos até à Malhada. À noite vai um grupo abrilhantar a festa, um bailarico."



**José Conceição Lopes, aos 18 anos,
envergando traje de grupo folclórico (Piódão)**

Então fomos todos por aí abaixo. E ela lá andava no bailarico. As raparigas começam a dançar umas com as outras, andam duas a dançar uma com a outra, e vão os rapazes desaperter, que é como chamam. Um dança com uma, um dança com outra e a mim calhou dançar com ela. E começámos a conversar. Eu contei-lhe a história que já a conhecia, sabia que ela era dali porque tinha-

a visto ali. Ficou-me na memória a imagem dela, mas não andava a pensar sistematicamente no assunto. Tinha sido ela, como tantas outras, que eu tinha visto nas mesmas circunstâncias. Mas começámos a conversar e aquilo começou a despoletar ali qualquer coisa. Mais tarde, já houve a intenção mesmo de fazer uma abordagem. Achava que estava na idade de namorar e pronto. E até já tinha tido possibilidades. Em Lisboa, andava num grupo folclórico, que é aqui da região mas tem sede em Lisboa. Eu tinha o meu par e conhecia várias raparigas mas nunca houve a tendência de me amarrar, como se costuma dizer, a qualquer uma delas. E ali houve qualquer coisa que me puxou para lá e começou a haver, realmente, essa intenção. Perguntei-lhe o nome e tal. Mais tarde, como tinha ficado com o nome e sabia a morada, escrevi-lhe. Ela não se mostrou muito receptiva. Acho que nem ligou muito àquilo e até houve uma altura que pensei que ela se tinha esquecido mas, depois, lá mandou uma resposta. E, pronto, aquilo depois foi seguindo. Mas ainda houve uma altura complicada. Quando se anda nessas aldeias, há sempre tendência de haver umas bocas, que até nem são bem verdade. Começaram a meter-lhe coisinhas na cabeça, que eu até estava aqui no Piódão, que tinha vindo de Lisboa. Acho que até lhe chegaram a dizer que eu tinha vindo fugido, porque me tinha metido lá num burburinho qualquer e que se ficasse lá que me podiam prender. Começaram assim a armar um burburinho que não tinha nada a ver com a realidade. E eu expliquei-lhe que não tinha nada a ver com isso. Que eu andava à vontade, que não tinha nada a esconder. Pensava eu que era para acabar mesmo. Mas, aquilo acalmou e, entretanto, já havia qualquer coisa especial e acabou por seguir. E acabámos por juntar os trapos, como se diz.

Normalmente, eu ia ter com ela, em casa dela e estávamos ali. O pai também é um bocado conservador e não dava muita liberdade. Mas um dia encontrámo-nos em Vide, ela foi tratar não sei de quê, na farmácia, eu fui ter lá com ela e depois trouxe-a para cima. Falámos que andámos uns tempos bons e eu não tinha a intenção de andar a passar tempo, a brincar, a minha intenção era mesmo séria. E eu achava que estava na altura de a gente seguir o caminho. Ela ficou um bocado... Ela própria, se calhar, andava desconfiada que eu poderia andar com intenção de andar uns tempos e depois afastar-me ou assim. Ao mesmo tempo ficou satisfeita com a abordagem que eu lhe fiz nesse sentido e parece que ficou surpreendida. E eu disse-lhe que tinha a intenção, que era tradição e que se ela gostasse que eu falasse disso ao pai, tudo bem, não tinha problema nenhum. Na semana seguinte ou daí a uns dias, fui lá e manifestei isso ao pai. O pai é um bocado mão de ferro, é um bocado duro. Ele gostou que lhe dissessem mas disse: - "Isso é com ela e tal" - tentou um bocado - "é com ela."

Mas, pronto, ela já sabia. Eu tinha de lhe dizer a ele mas ele depois tentou dizer que era com ela. Mas a coisa seguiu. Foi assim dessa maneira.



**José Conceição Lopes, com 22 anos em Lisboa,
envergando o traje do rancho folclórico de Celavisa**

Casamento *Casamento adiado mas não cancelado*

O casamento foi no dia 24 de Outubro. Inicialmente, marcámos uma data para meados de Setembro, a partir do dia 15 ou 20, em 1992. Só que, entretanto, houve ali um contratempo. A mãe dela ficou doente. Estava com problemas de saúde. E ela, também, nessa altura, ficou doente com varicela, uns dias antes da data que estava prevista e tivemos de desmarcar. Desmarcámos e depois marcámos para Outubro. Um sábado. O casamento foi em Vide, na igreja matriz de Vide. Havia a tradição, tirando um caso ou outro, de quando um rapaz era de uma aldeia e a rapariga era de outra aldeia, normalmente, a rapariga gostava que o casamento fosse na terra dela, na igreja lá da terra. Eu tenho um irmão, que é o tal irmão que já faleceu, que até casou no ano anterior a mim. Era mais novo do que eu, mas casou-se mais cedo. Quando me casei já tinha 30 anos. Ele tinha 22. Ele era natural do Piódão e a mulher era de Malhada Chã e, nesse caso, o

casamento foi na igreja paroquial do Piódão e não na terra dela, na capela. Tinha mais espaço no Piódão e concordaram com isso. Nesse caso, Vide, que é sede de freguesia, tem uma igreja até maior do que a do Piódão e ela tinha vontade que fosse lá e por mim tudo bem. Os meus convidados vieram apresentar-se em minha casa e depois fomos todos por aí a baixo, nos carros, lá ter a Vide. E foi feita a cerimónia, foi feito o almoço num sal ao na Casa do Povo de Vide. Falámos com um restaurante que fazia serviço assim ambulante, de almoços para banquetes e casamentos. Acertámos isso com uma empresa aqui da zona e também foi feita a cerimónia ao mesmo tempo, para não estarmos a deslocar as pessoas para outro lado, porque, às vezes, faz-se a cerimónia religiosa num lado e faz-se o almoço a quilómetros e quilómetros de distância. Ali não. Conciliámos as coisas, ali tudo no mesmo sítio até porque muitos dos convidados são pessoas da zona que até nem tinham transporte. Muitos foram até da aldeia dela, que é a dois quilómetros de Vide. Foram a pé e outros foram de carro alugado. E para não estarmos a forçá-los a ir para muito longe, conciliámos tudo ali na mesma terra, lá em Vide.



José Conceição Lopes e esposa no Castelo de São Jorge (Lisboa, 1992)

O almoço incluiu três pratos da ementa. Nos casamentos, normalmente, esquece-se um bocadinho as dificuldades e tenta-se melhorar. É um dia especial na vida de qualquer um. Nas carnes era a chanfana, depois tinha um bacalhau, também era um prato que se utilizava muito aqui. Penso que esses dois pratos foram incluídos na ementa, que também são pratos que as pessoas estão mais habituadas. Não sei também se se fez um arroz de marisco, porque havia um

convidado ou outro que também já estavam habituados a outras ementas. Houve ali um prato um bocadinho mais elaborado, mais sofisticado. Acho que foram três pratos. Também teve umas entradas e depois o bolo da noiva. Mais o champanhe. Foi uma coisa mais ou menos.

Descendência "*Tentámos dar sempre o melhor*"

Temos dois filhos. Um que vai fazer 14 anos e outra vai fazer 7. Um faz 14 anos em Outubro, quase que coincidiu com a data de casamento. Nós casámos a 24 de Outubro e ele nasceu a 27. Três dias de diferença. E a miúda tem 6 e vai fazer no dia 14 de Novembro 7 anos. Temos dois. Qualquer um de nós tem a tendência de melhorar sempre a vida dos descendentes e eu não fugi a essa regra. Embora, às vezes, lhes faça ver que a vida não é só facilidades, que tem de haver algumas dificuldades, que a vida também tem de ter algum espírito de sacrifício. Mas tentámos dar sempre o melhor. E hoje em dia, em casa já têm computador para fazer os trabalhos da escola. Já têm um DVD para verem os filmes e as coisas que eles pretendem na televisão. Já têm um LCD que, antigamente, era uma televisão pequenina. Agora já têm lá uma coisa melhor. Tentámos dar-lhes condições mínimas. Também não temos possibilidades de comprar equipamentos de luxo mas o básico que se utiliza, hoje em dia, na aprendizagem que eles tem na escola, tentámos dar tudo. E também já não andam aí a praticar trabalhos duros. Por exemplo, o mais velho vai fazer 14 anos. Com a idade dele eu já andava aí a fazer alguns trabalhos pesados que hoje em dia eu não estou a obrigá-lo a fazer. E também já não é tão necessário como era. Tento organizar a vida de maneira que não estejamos a forçar a isso. Às vezes, no restaurante quando nós estamos a ajudar, o mais velho até gosta. É capaz de tirar um café. É capaz de pegar nos pratos e já pôr nas mesas. Já faz umas tarefas, mas nada de trabalhos violentos.

Lugar *Características de uma aldeia do interior*

Como um pio

Sobre a origem do nome Piódão, eu tenho ouvido algumas versões mas nunca ninguém me conseguiu esclarecer qual será a mais verdadeira. Nós olhámos para o Piódão e está no fundo de várias linhas de água, da confluência de várias linhas de água. E se olharmos à volta, vemos montanha em toda a volta.

Isto é como se fosse um pote, ou uma bacia, em que nós estamos no fundo e estamos a ver a parte cimeira do alguidar. Estamos lá no fundo. Portanto, isto parece um pio. No lagar tem os pios onde se mói a azeitona, que também é assim. É uma coisa funda e tem as partes cá de cima. E estando lá no fundo, a gente vê tudo à volta. Aqui no fundo do Piódão, isso parece-se muito com um pio. É uma tese que alguns defendem e é aquela que eu acho que tem mais consistência. Parecer-se com um pio. Tem montanha a cercar o Piódão em toda a volta e nós ficámos cá no fundo do pio. E daí partiu o nome de Piódão, pio. É redondo, Piódão. Há quem diga também que o primeiro habitante que veio para aqui para esta zona se chamava Pio. Hoje ainda há esse nome mas acho que é mais de origem italiana. Pio. É isso que eu tenho ouvido contar ao longo dos tempos mas aquela que para mim se encaixa melhor é essa do pio. E a partir do pio nasceu o Piodam, Piódão. Antigamente era Piodam, com "m" no fim. Com a alteração dos acordos ortográficos, é que meteram lá o acento no "a". Isto foi alterando mas acho que, inicialmente, era o pio.

O azul e branco

Na década de 50 e 60 as portas e as janelas eram todas em madeira de castanho, não tinham vidros. Quando começaram a utilizar estas janelas, que depois havia algumas carpintarias aqui na região que começaram a fazer as janelas já com vidros, começaram a utilizar a tinta e houve uma tendência para ir para o azul e branco. Porque as casas em pedra, em xisto, o azul e o branco realça mais. Porque o xisto é pardo, é escuro. Se lhe formos a meter uma cor castanha ou outra cor fica um conjunto muito mais triste. E as pessoas começaram a ir mais para o azul e branco. Realçava bem e isto foi como uma moda que pegou na altura. Um ou outro começou a dizer que gostava do azul e branco e as pessoas quando era para lhe pintarem as portas e as janelas, se para o vizinho está bem e fica bem assim, para mim também fica. Não é nenhuma cor clubística nem nada, porque o azul e branco até tem a ver com o clube dos maiores da nossa praça e nesse aspecto, as pessoas aqui do Piódão não são muito viradas para esse clube. Portanto, não tem nada a ver com isso.

Sentimentalistas

O Piódão é uma aldeia que ainda hoje sofre de algum isolamento. É uma aldeia de montanha, do interior, tem essas características. Estávamos muito isolados e as pessoas construíram com a matéria-prima que tinham, o xisto. E, nesse aspecto, até hoje em dia, tirando uma mancha ou outra que está a

destoar, ainda se conseguiu preservar. As pessoas mais idosas que estão aí, e que sempre viveram nesta aldeia, tiveram uma saída ou outra para fora da aldeia, para trabalhar alguns anos, mas estiveram sempre muito enraizadas com a terra, muito agarradas ao seu Piódão. São sentimentalistas, gostam disto e estão aqui. Muitos deles, teriam melhor conforto, melhores condições de vida, neste momento, se estivessem com os filhos, que em Lisboa, têm uma condição de vida razoável, e eles podiam estar lá. Mas preferem viver na sua casinha, às vezes, uma casinha mais pobre e com menos condições. Mas são pessoas um bocado sentimentalistas, que gostam disto, embora seja duro, seja frio no Inverno, com gelo. Mas eu caracterizo as pessoas assim, muito agarradas à sua terra, com muito sentimento em relação a isto. Encarando com alguma desconfiança a questão do turismo, quando isto começou a surgir há algumas décadas atrás. Nem compreendendo bem porque é que as pessoas valorizavam isto. Vêm aqui para ver pedras? Pedras tem algum valor? Para eles significava até pobreza e miséria, as casas feitas em pedra, porque ver uma casa rebocada, bonita e pintada, como se vê nos grandes centros urbanos, isso é que significava já alguma nobreza, alguma riqueza. A pedra aqui só significava miséria. As pessoas viviam mal, para se alimentar. E estranharam um bocadinho as pessoas começaram a ter algum fluxo. Pessoas a vir ao Piódão, a admirar e a dizer bem disto. A admirar as belezas naturais disto. As pessoas, maioritariamente, não compreendiam. Hoje em dia já compreendem. Sabem realmente ver que temos aqui uma coisa que é diferente, que é única e as pessoas conseguem valorizar as coisas que são únicas, diferentes. E como isto é uma coisa natural, hoje em dia já começam a compreender melhor. Mas, ainda há uma ou outra que, mesmo assim, não consegue alcançar bem.

"É difícil equilibrar"

O Piódão está a ficar sem população porque os jovens foram saindo. Naquele tempo, eu lembro-me de famílias de um casal com seis, sete, oito filhos. Viviam, ou sobreviviam, porque vivia-se mal. Uma família com o pai a trabalhar na agricultura ou na construção civil ganhava pouco. A mãe a trabalhar no campo e, quando a agricultura falhava, era complicado. Portanto, a desertificação acentuou-se a partir da década de 60 que as pessoas, os casais que tinham filhos com 13, 14, 15 anos, saíam da escola primária, alguns já trabalhavam em Lisboa, principalmente, na indústria hoteleira e uns puxavam os outros. Era uma cadeia. E, normalmente, os patrões lá em Lisboa, as pessoas que tinham este comércio, gostavam muito dos criados ou dos rapazes e das raparigas que vinham daqui das províncias porque, diziam eles, que iam com outro espírito de trabalho. Iam habituadas ao espírito de sacrifício, a trabalhar no duro e quando chegavam lá,

era um trabalho mais limpo, não era tão duro e as pessoas adaptavam-se bem. Uns começaram a puxar os outros e tinham perspectiva de futuro. A trabalhar no campo não havia perspectiva nenhuma de futuro porque, mais tarde, alguns que foram trabalhar como empregados hoje em dia são patrões, têm casas comerciais, muitos deles, com várias casas de pastelaria, restaurantes, lá em Lisboa. Há uma grande colónia de pessoas daqui da região a trabalhar em Lisboa que hoje são patrões, têm casas próprias. Os jovens foram-se embora e ficaram os pais a trabalhar. Muitos deles já faleceram, esses velhotes, e os filhos, a maioria deles, estão todos estabelecidos fora daqui, em Lisboa, no Porto, em Coimbra. Foram ficando sempre as pessoas mais idosas que já não tinham perspectiva de melhorar a vida.

Neste momento, a tendência não é assim muito animadora. Embora no Piódão haja, ultimamente, uma certa estabilidade, com a questão do turismo e com a fixação de algumas pessoas mais jovens ou de média idade que foram ficando, nalgum comércio local ou agora na estalagem do Inatel. Isto tem-se conseguido manter aqui há uma dúzia de anos para cá. Mas se não fosse isso tenho a certeza que, neste momento, se calhar nem sequer metade dos existentes já estariam aqui, permanentes. É complicado conseguirmos equilibrar isto. A tendência é sempre baixar e não para aumentar. Embora haja aí umas políticas, ao nível da autarquia, de recuperação de algumas tradições, que podem segurar aí um ou outro jovem que consiga se habituar a trabalhar neste tipo de trabalhos que ligados à caprinicultura e ao campo. Mas não é fácil gerir essas coisas.

Avaliação "*Projecto válido*"

Eu acho este projecto válido. É bom porque nós damos o contributo dos conhecimentos que temos. Muitas vezes, as pessoas que vêm ao Piódão, ou porque não tem oportunidade, ou porque vêm a correr, se calhar vão com uma ideia não muito fundamentada do que é que foi a história disto, dos pormenores, como é que isto nasceu. Há aqui algumas histórias que, penso eu que as pessoas entrevistadas vão contar, no futuro as pessoas que vierem visitar o Piódão e virem o documento que vai ser elaborado, vai ser extremamente importante e enriquecedor.

As próprias pessoas que foram entrevistadas e que têm familiares, muitos deles que já não nasceram no Piódão, se calhar nunca conversaram, ao longo da vida, sobre certas questões, sobre certos pormenores, que as pessoas agora se calhar até irão contar. Eles próprios terão curiosidade de lerem o livro para, pelo menos, ficarem com a recordação do pai, da mãe, do avô ou de alguém que fez a entrevista, para daqui a uns anos dizerem:

- "Olha o meu pai contou, há uns atrás, num trabalho que se fez no Piódão, que quando ele nasceu era assim desta maneira e desta".

Daqui a 20, 30 anos ainda podem existir esses documentos e eles apresentarem aos vindouros. Acho que é importante.

Existe aí um livro ou outro de uma pessoa, que conta a história da vida dele, como é foi o Piódão e Chãs d'Égua nesse tempo, mas acho que não é tão rico como haver um conjunto de pessoas a contar, porque uns até podem duplicar e contar a mesma coisa mas há sempre um pormenor ou outro que é específico. Um conta e o outro se calhar esqueceu-se e não contou. Juntando-se aquilo tudo, acho que se faz um mínimo do que é importante da história do Piódão. Por mim acho que é importante.